

O BRASIL NA ENCRUZILHADA

– ELEIÇÃO ENTRE DEMOCRACIA E AUTORITARISMO

No dia 30 de outubro o Brasil elegeu, no segundo turno, um novo presidente. Alguns dias depois, no dia 8 de novembro, foi realizada uma atividade virtual do LAF com o título “O Brasil na encruzilhada: eleição entre democracia e autoritarismo”. A atividade contou com o apoio da Fundação Friedrich Ebert (FES) e ocorreu no âmbito da iniciativa “Diálogos Brasil-Berlim”, promovida por diversas organizações alemãs cujo foco de atuação é a América Latina ou o Brasil.

O objetivo da atividade foi analisar criticamente a campanha eleitoral e discutir os futuros cenários possíveis para o Brasil. As painelistas e o painalista brasileiros convidados vêm do campo democrático e progressista, mas estão inseridos em áreas de atuação diferentes. Kennedy Alencar é um jornalista e analista político com grande experiência internacional, Dandara Tonantzin, uma jovem negra de Minas Gerais dedicada à luta contra a discriminação e o racismo, foi eleita deputada federal este ano e conectou-se de Brasília, Esther Solano, doutora em Ciências Sociais e professora universitária, especializou-se na análise de Bolsonaro e do “bolsonarismo” desde antes da eleição do atual presidente e Letícia Rangel Tura, diretora da ONG FASE, é uma conhecida ativista ambiental que se conectou diretamente da COP27, no Egito.

Foi visível no grupo de painelistas o alívio, como expressou Kennedy Alencar, diante do resultado – que foi muito apertado – favorável ao ex-sindicalista e duas vezes presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. Pois, como foi reiteradamente ressaltado, esta foi uma eleição decisiva, na qual estava em jogo, em última análise, se o Brasil resvalaria em direção a um regime autoritário ou conseguiria restabelecer a ordem democrática.

No entanto, o resultado eleitoral provocou a pergunta sobre as razões que explicam um resultado tão apertado, depois de todas as pesquisas eleitorais prognosticarem uma clara derrota do presidente Bolsonaro. Segundo as expositoras e o expositor, isso se explica pela utilização maciça de recursos públicos por parte do presidente para influenciar a eleição a seu favor, mas também pelo uso sem escrúpulos das redes sociais, alimentadas com incontáveis fake news. Esther Solano exemplificou este último aspecto com a notícia falsa que circulou nas redes de que Lula, caso ganhasse, fecharia as igrejas. Dandara Tonantzin relatou que muitos empresários e empresárias ameaçaram seus/suas empregados de retaliação caso não votassem na “pessoa certa”, ou seja, Bolsonaro.

Porém, o resultado também mostrou que Bolsonaro continua dispondo de um grande número de eleitores e eleitoras, assim como conta com o apoio de atores sociais importantes, como ficou claro também através do bom desempenho de seus aliados nas eleições parlamentares e para governadores.

Uma parte importante da discussão foi dedicada à herança desastrosa que deixa o governo Bolsonaro. Segundo as painelistas e o painalista, este é de longe o pior governo que o Brasil teve no período democrático pós-ditadura militar. Isso se mostra em várias áreas, como o desrespeito aos direitos humanos, o crescimento da fome e da pobreza, a livre comercialização das armas de fogo e um balanço ambiental catastrófico, sobretudo em relação à Amazônia.

O tão temido caos que poderia vir após uma derrota de Bolsonaro não se concretizou, ainda que o presidente, até o momento da redação deste texto, não tenha reconhecido o resultado eleitoral. Contrariamente, tanto militares como importantes apoiadores de Bolsonaro aceitaram o resultado. Segundo as expositoras e o expositor, isso pode explicar-se também porque muitos de seus apoiadores foram eleitos para os governos estaduais ou para o congresso nacional e o não reconhecimento do resultado colocaria em dúvida sua própria eleição.

Todo o contexto representa um enorme desafio para o futuro governo Lula, eleito a partir de uma ampla aliança que engloba desde a esquerda até setores conservadores. O bolsonarismo, que vai muito além do presidente, como ressaltou Esther Solano, dispõe de maioria na Câmara de Deputados e no Senado e vai utilizar-se disso para praticar uma política de oposição e obstrução. Tanto as panelistas como o panelista compartilharam a análise de que será uma questão de sobrevivência para o novo governo conseguir superar a polarização interna expressa no resultado eleitoral e ganhar pelo menos uma parte do eleitorado de Bolsonaro para um projeto democrático comum, ou no mínimo neutralizá-la. Isso pode ser possível porque o campo de apoio do presidente, cujo mandato vai até 1º de janeiro de 2023, está longe de ser unificado, mas, ao contrário, engloba diferentes tendências religiosas, políticas, econômicas e sociais.

Ao lado de várias outras áreas, está na ordem do dia um novo começo para a política ambiental, sobretudo relacionada à Amazônia. Em primeiro plano é preciso, segundo Letícia Rangel Tura, extinguir a militarização das organizações ambientais implementada pelo governo Bolsonaro. Simultaneamente, deve-se recuperar e aperfeiçoar sua qualidade e relevância, assim como é preciso combater o crime organizado, que se ampliou na Amazônia. Tudo isso tendo em vista também reconstruir a deteriorada imagem internacional do Brasil.

No total predominou entre o grupo de panelistas um otimismo moderado em relação à confiança de que o novo governo poderá fazer progressos pelo menos em algumas das áreas mencionadas, mesmo com a política de oposição e obstrução do bolsonarismo.

Tradução: Didice Godinho Delgado



Lateinamerika-Forum Berlin e.V.

Bismarckstraße 101, D-10625 Berlin | + 49 (0)30 832 96 37
kontakt@lateinamerikaforum-berlin.de | www.lateinamerikaforum-berlin.de